

X ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

A MULHER CONTEMPORÂNEA E A NECESSIDADE DE SUPERAÇÃO DO (IN)CONSCIENTE RELIGIOSO SOBRE O FEMININO

Autores: Simone Carlos da Silva¹; Marcos Fábio A. Nicolau²

¹ Mestranda em Filosofia-Universidade Estadual do Ceará (CMAF);

² Docente da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA;

RESUMO

Nossa pesquisa consiste numa abordagem sobre a figura da mulher contemporânea a qual confrontamos com o estigma do mal imposto ao feminino a partir da tradição judaico-cristã, construído historicamente e instaurado na forma de uma cisão que coloca de um lado a figura da Eva como a submissa e pecadora e de outro a imagem de Maria como apelo para a cultura da procriação e submissão. Diante desse dualismo propomos uma reflexão sobre a imagem da Lilith que contrasta com as posturas defendidas pela religião como o papel que cabe a mulher. Essa reflexão surge para pensar as questões de gênero influenciadas pela religião e para discutir até que ponto o (in)consciente religioso precisa ser superado para o alcance da tão ansiada emancipação da mulher.

Palavras-Chave: Mulher; Dualismo; Emancipação;

INTRODUÇÃO

A imagem da mulher é configurada como ameaça ao núcleo da estrutura ideológico religiosa. Podemos constatar isso através dos mitos sobre a criação. Próprios de cada cultura, esses mitos circunscrevem padrões de condutas demasiadamente caras à história das mulheres que, não raro, se veem confrontadas com enormes barreiras sociais e preconceitos construídos a partir das diferenças de sexos desenvolvidas por estes mitos. A figura de Eva e da Virgem Maria são retratos que marcam a visão que se tem da mulher na antropologia teológica da religião judaico-cristã, um dualismo instituído que, por muito tempo, restringiu-se aos extremos: pecadora e santa. A Eva representa a esposa submissa criada por Deus a partir da costela de Adão e marcada com o estigma do mal por levar Adão a comer o fruto do pecado. Sua culpa consiste em trazer os males à humanidade e sua passividade está em aceitar a culpa na peregrinação pelo mundo como forma de expiação por seu pecado. A visão de Eva será marcada pelo estigma do pecado, da degenerescência, da queda, enfim daquilo que será considerado o mal por esta tradição aqui abordada. Como forma de desdobramento da imagem da mulher enquanto subserviente temos no cristianismo a figura da Virgem Maria. Um mito que relata a história de uma mulher pura que teve seu filho sem a necessidade de relacionar-se com nenhum homem e obedece passivamente a um conjunto de regras morais. Implicando num apelo para uma cultura de submissão à família que, na verdade, é expressão dos valores herdados dos costumes judaicos e repressão da sexualidade feminina como algo antagônico à pureza.

METODOLOGIA

É um trabalho de pesquisa com caráter bibliográfico, em que articulamos as reflexões sobre a imagem da mulher na tradição judaico-cristã, a qual apresenta a figura do feminino quase sempre relegado a um segundo plano. Uma condição sombria que a experiência histórico-social apresenta como reguladora da dominação sobre as mulheres, que as submetem a um conjunto de obstáculos inviabilizadores das suas liberdades, da possibilidade de participação autônoma e igualitária nas esferas da sociedade. As fontes de pesquisa deste trabalho foram escolhidas com base na questão central que se investiga e foi desenvolvido no curso de Filosofia da Religião do programa de pós-graduação Lato Sensu da UVA. Consideramos esta pesquisa de fundamental importância para a formação filosófica, pois acreditamos que os mitos aqui abordados são elementos simbólicos que repercutem nas relações sociais, estão no inconsciente coletivo se manifestando nas opressões que as mulheres sofreram e sofrem constantemente, impedindo que a igualdade social e a liberdade da mulher se efetivem. Eis que, para avançarmos nas conquistas de espaços socialmente equitativos é preciso desconstruirmos papéis instituídos culturalmente e impostos como idiossincrático do feminino.

PROBLEMATIZAÇÃO

A reflexão sobre a tradição judaico-cristã se explica pelo fato dela está mais próxima da nossa realidade cotidiana e por ter sido ela legada ao ocidente como concepção fundamental na construção dos valores sobre família, sexualidade e papéis de gênero. A escolha dos mitos sobre a criação se reflete na importância da discussão para os dias atuais no sentido de compreendermos a influência que os mitos de Eva e Maria tiveram na formação da visão da mulher na sociedade e na legitimação da cultura de passividade e submissão em que a mulher esteve e ainda é submetida.

A moral judaico-cristã levou as mulheres a adotarem uma postura de sublimação dos seus desejos para livrarem-se do pecado da carne, do gozo, em todos os sentidos da esfera humana. Relegadas a um segundo plano, as mulheres ao longo da história foram reprimidas na sua forma de se relacionar social e afetivamente para serem aceitas dentro da moral religiosa. Isso porque, o sistema patriarcal, que é a marca da cultura ocidental, foi quem instituiu o significado do que é ser homem e mulher dentro da nossa sociedade. Determinados por esse sistema, que é uma dominação masculina configurado político, econômico, prático e cotidianamente, as relações de gênero são representadas por interesses que constituiu uma marca sombria para as mulheres. Nessa construção os mitos são representados de forma significativa no imaginário popular, repassados através de tabus que fundamentam a moral e o comportamento das pessoas e a identidade das mulheres. Uma moral de controle sobre os sexos que dentro da cultura religiosa foi e é cruel com as mulheres, pois o estigma da puta ou da santa, através do dualismo de Eva e Maria reprime há séculos o ser feminino. Eva de um lado significa a mulher submissa e ao mesmo tempo instauradora do mal, por meio do pecado original. Enquanto o arquétipo de Maria representa a repressão da sexualidade feminina, uma vez que traz a tona o debate sobre a pureza do corpo da mulher, suscitando a questão da virgindade como uma forma de garantia do caráter e do valor das mulheres. Sendo aquela que cede a uma nova visão de sexualidade diferente do paradigma cristão julgada como a puta, pecadora, e rejeitada no terreno religioso. A sexualidade é reduzida à questão de reprodução, como se o papel que coubesse à mulher fosse unicamente o de reprodutora. A tradição judaico-cristã criou a imagem de uma mulher que deveria ser submissa ao homem e ao mesmo tempo “mortificar” seu corpo se quisesse ser reconhecida como mulher digna, correta. Como forma de contrapor essa visão “negativa” do feminino, analisamos o mito de Lilith, como forma de ilustrar uma outra concepção de mulher, não submissa. A figura mítica de Lilith representa na história do pensamento e das

simbologias mitológicas o arquétipo da mulher subversiva que rompe com a passividade e submissão ao homem. Lilith é a mulher que se empodera e confronta valores, se rebela contra tudo aquilo que a impede de alcançar a liberdade agir, decidir e escolher. Tais características rompem com os valores de feminilidade repousados na submissão, critica as relações pessoais e os valores da família e da moral tradicional propagada pela traição judaico-cristã.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa tenta mostrar como a compreensão de gêneros dentro do cenário religioso influenciou as teorias sobre o feminino no ocidente e como hoje embarreiram a mulher na luta pela visibilidade dentro da sociedade como pessoa de direito e vontade. Ao trazermos essas duas posições elencadas através do dualismo: Eva - a pecadora - ou Maria - a virgem contrapondo-as com o mito de Lilith tentamos deixar claro que a condição da mulher sempre esteve subjugada às visões machistas e patriarcais que subordinavam as mulheres a padrões de valores de feminilidade. Lilith reflete a figura da nova mulher que reivindica a independência, mas encontra-se obscurecida pelos extremos Eva e Maria que ficou no imaginário coletivo. Um pensamento hegemônico que oprime e propaga relações de desigualdade entre os sexos impedindo uma revolução que é uma exigência não apenas de mulheres, mas de homens em geral na luta pela vida, na conquista de direitos e de uma sociedade digna. Na luta pela emancipação das mulheres preconizamos a ideia de que as mulheres devem ser as protagonistas, mas para que exista a mudança de mentalidade sobre a mulher essa luta deve ser de todos por uma reeducação em que sejamos humanamente iguais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pelo apoio financeiro que é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa e aos professores do Curso de Filosofia da UVA pelo incentivo e contribuições na realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: DIFEL, 1961. CRUZ, Maria Isabel da. A mulher na igreja e na política. 1 ed. São Paulo: outras Expressões, 2013.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. DURÃES, Jaqueline Sena. Mulher, sociedade e religião. In. SANCHES, M. A. Anais eletrônicos do congresso de teologia da PUCPR. Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009/>>. Acesso em 05 dez. 2014.

FERREIRA, Carlos Aparecido. A mulher na literatura portuguesa: sua imagem e seus questionamentos através do gênero epistolar. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. (Dissertação de Mestrado).

KOLTUV, Barbara Black. O Livro de Lilith, psicologia/mitologia. São Paulo, Cultrix, 1986.

NUNES, Silvia Alexim. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. SICUTERI, Roberto. Lilith: A Lua Negra. São Paulo; Paz e erra, 1998.